

Quantas miríades, cada qual por sua vez, não viu ela chegar, proporem de frente suas perguntas vãs, depois se afastarem, desconcertadas. Ela viu, sem se mover, o mundo dos atlantes, desaparecer para sempre, submerso. Seu imperceptível sorriso foi testemunha da empresa audaciosa de um Mena, o primeiro dos faraós que, desviando o curso do Nilo querido dos egípcios, obrigou-o a ocupar um novo leito. Seu silêncio marcado de tristezas viu Moisés, o grave, o taciturno Moisés, saudá-la com um supremo adeus. Sempre muda, dolorosa, contemplou os sofrimentos de seu país assolado, arruinado depois que caiu sobre o Egito a incursão do cruel Cambise, imperador persa. Ao mesmo tempo seduzida e desprezada, ela viu a altiva Cleópatra, de sedosos cabelos, descer de um navio cuja popa era de ouro, as velas de púrpura e os remos de prata. Viu com satisfação o jovem Jesus a caminho, em busca da sabedoria do Oriente, etapa preparatória à obra fixada para a sua missão pública, a hora em que seu Pai o enviará para libertar a mensagem divina de misericórdia e amor. Não sem um secreto prazer, abençoa o jovem nobre tão valente, generoso e letrado que foi Saladino e este com a lança erguida no ar, com a verde bandeirola levando a imagem do crescente, empreende a cavalgada que deveria encaminhá-lo ao trono do sultão do Egito. Mudo sinal anunciador, a esfinge saudou Bonaparte, instrumento dos destinos europeus, devendo o nome de Napoleão eclipsar todos os outros, antes que o mesmo personagem, morno e sombrio, viesse pousar o pé sobre o *Belerofonte*. Ela, a Esfinge, viu, não sem melancolia, a atenção do mundo inteiro fixar-se sobre seu país quando a tumba de um de seus altivos faraós foi aberta, entregando à curiosidade moderna a múmia real e seus nobres atavios ²⁸.

Sim, os olhos de pedra viram estas e muitas outras coisas. Que vêm agora? Desdenhando os humanos que se cansam e se agitam, vítimas de labores vulgares e transitórios, indiferentes ao desfile interminável de alegrias e sofrimentos... os olhos de pedra, do fundo de suas vastas órbitas, fixam a eternidade... Imutáveis através as vicissitudes do tempo, eles viram os começos do mundo, as trevas do desconhecido ²⁹.

O CULTO DO SOL

Aton: deus único. — A religião do disco aparece-nos como um monoteísmo impessoal: nenhuma representação de Aton chegou até nós senão sob a forma do disco solar, cujos raios orientados para baixo terminam por mãos segurando comumente a Ankh ou cruz egípcia (símbolo da vida).

Vemos na representação dessa divindade uma adoração da energia cósmica, pois o faraó Akhenaton se diz "feito" dessa substância. Essa natureza impessoal é muito diferente da concepção dos reis divinos das dinastias faraônicas. É preciso acrescentar que esta energia cósmica implica uma adoração universal para todos os povos, sem exceção nem preferência.

²⁸. Trata-se é claro do sucessor de Akhenaton: Tut Ankh Amon, cuja tumba inviolada foi descoberta em 1922.

²⁹. Paul BRUNTON, *L'Égypte secrète*, Payot, 1947, págs. 10 e 11.

Assim os territórios coloniais como a Síria e a Núbia são colocados antes do Egito no *Hino a Aton*, novo catecismo composto pelo próprio Akhenaton. Basta dizer que a concepção universalista preside essa adoração, verdadeira religião do cosmos.

Um outro ponto importante é a recusa de toda espécie de simbolismo, contudo tão caro ao coração dos egípcios. A religião oficial de Aton não apela a nenhuma mitologia, a nenhuma lenda, a nenhum milagre. O jovem faraó reformador acentua sem cessar a palavra VERDADE e dela faz a pedra angular de seu sistema filosófico. É a mesma preocupação da verdade que o faz mudar seu nome de Amenophis IV para o de Akhenaton, com grande descontentamento do clero de Amon.

Nós já ressaltamos que a fusão de Amon (então o deus mais popular) com o Sol, Râ, já era coisa consumada na época que nos interessa. Entretanto, apesar dessa fusão, os sacerdotes do velho culto oficial tinham sempre permanecido fixados na sua oposição irredutível, no monoteísmo. O politeísmo, ou adoração de várias divindades, era protegido pelo clero de Amon; este acumulava prebendas e privilégios. De seu lado, não era fazendo de Amon-Râ a única divindade do Egito que o novo faraó quebraria o politeísmo; foi assim estrangido a proceder por etapas.

Seu primeiro cuidado foi transportar sua nova capital para um lugar distante de Tebas, batizado Akhet-Aton (a atual localização de El-Amarna) em homenagem à nova divindade: o Sol, simbolizado por um disco de ouro puro. Esta cidade de Akhet-Aton situa-se a 300 quilômetros ao norte de Tebas, posição que oferecia a vantagem de ficar ao abrigo das intrigas do clero de Amon sempre com um olho posto sobre a poderosa metrópole religiosa. Na sua nova capital, Akhenaton fez construir um conjunto monumental de palácios e templos, para si mesmo e para a nova divindade. Esses edifícios deviam ser de uma singular beleza a julgar pelas excavações efetuadas há meio século.

Esta nova metrópole, rival de Tebas, transpunha o Nilo a meio caminho do Delta e da antiga capital. No brilho de sua magnificência muito recente ela surgia do horizonte tão irreal quanto as miragens do deserto, ao termo de um labor encarniçado de quatro anos. Depois outras cidades semelhan-